

José Saramago

Os livros do nosso desassossego

José Manuel Mendes

AS RELAÇÕES ENTRE JOSÉ SARAMAGO E OS SEUS leitores vêm conhecendo, a cada dia que passa, os frêmitos crescentes de uma afectividade. Não há nelas lugar para a indiferença ou, se se quiser, para um território descontaminado de sobressaltos de múltipla natureza. Antes de mais porque o ficcionista prefere a interrogação e o desafio, o lado sonegado do real, um imaginário perturbador, renunciando às lógicas concertadoras, sedimentadas num jogo de previsão dos gostos correntes. E di-lo sem tibieza: «*Os escritores não têm que andar cá para tranquilizar, suponho mesmo que é nosso dever intranquilizar toda a gente*». Assim, o seu êxito não repousa num trabalho feito de interdições, alheamentos, cómodos ou calculados dizeres, nem num processo de enunciação à medida do consumo imediato, mas, pelo contrário, do desassossego que os seus livros transportam e fazem emergir. Apesar da serenidade de uma literatura que recusa toda a espécie de disfemismos para dizer a elegia, o tormento e a angústia, tal como para as notações do júbilo, do enlevo e da fruição apolínea.

Livros do nosso desassossego, portanto. Em que nos revemos e questionamos. Na diversidade das épocas e estórias que nos moldam, seres precários, povo capaz de tocar a estrela e o tojo. Por isso, desde sempre renovando-se, mesmo quando reiterando problemáticas e soluções formais. A saga de *Levantado do Chão*, capaz de iluminar as vicissitudes recentes de um humanizado regime da terra, não se prolonga, seguramente, em *Memorial do Convento* ou *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, obras tão diversas entre si e, contudo, de igual modo investidas no diagnóstico do que somos. Se, no primeiro destes dois romances, uma das melodias dominantes continua a exprimir o que há de épico no labor da gente anónima, dissecado com minúcia e enternecimento, no segundo procede-se a um périplo revelador pelos lugares de certa melancolia colectiva, mesmo quando interceptada pelos rituais do Estado Novo, e à deambulação interior de uma personalidade



que, a partir do célebre heterónimo pessoano, cruza, num segmento de meses, a atmosfera sócio-política do País. No entanto, num como noutro irrompem figuras, articulações e micro-narrativas que, pela sua singularidade contagiante, acabam repondo, senão mesmo fixando, temas fundamentais: o amor e a morte, o poder, a mentira, a intolerância e a hipocrisia, o desengano, o fatalismo, a História enquanto movimento (com os seus nexos e projecções na actualidade), a abolição das fronteiras do tempo, o tropismo depredatório do homem em comunidade, o carácter mutável dos entes e das coisas, a utopia de uma nova génese que ao universo restitua quanto fomos destruindo. E também a contingência, a procura da verdade, o sortilégio do imprevisível, a convocação lírica, o epigrama, um diálogo penetrante com o quotidiano, as tensões dialécticas entre o efémero de cada realização e a sua apetência de perenidade.

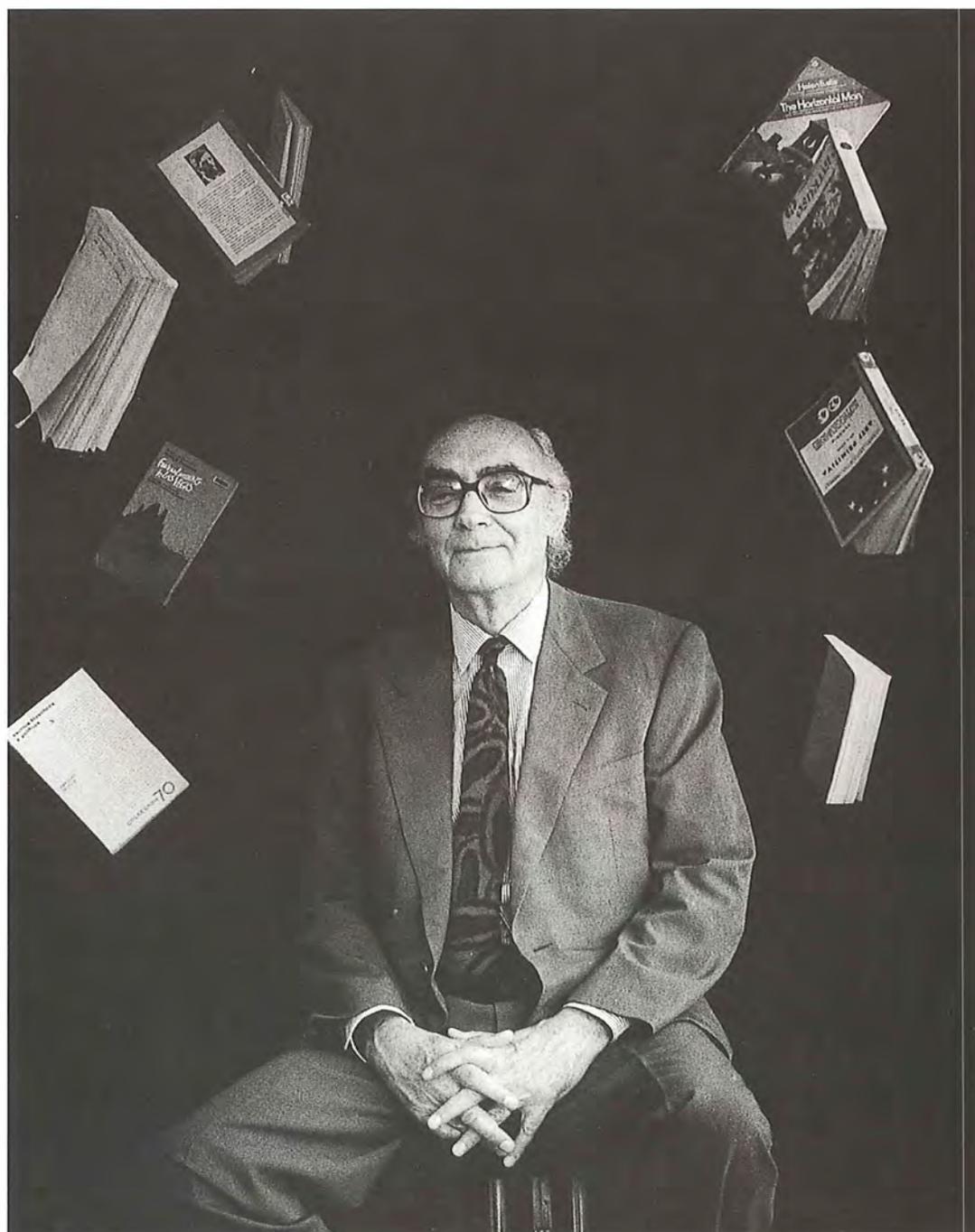
Episódios como o da ocupação dos terrenos inagricultados no Alentejo, o transporte da pedra para o Monumento de Mafra, a ascensão da *Passarola* do Padre Bartolomeu (por força de obscuros engenhos e da energia que lhes faltava, a conjugação das vontades) não são apenas eventos da teia romanésca mas instantes mágicos, a predicação e o triunfo, a claridade após o sofrimento, a epifania do sonho, uma parábola afinal. Outranto se afirmará, com as adaptações hermenêuticas necessárias, a propósito dos incidentes medulares que pontilham a acção de *Jangada de Pedra*, *História do Cerco de Lisboa* ou, por exemplo, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Basta evocar a deriva do navegador solitário, a tomada de Lisboa aos mouros, o transfigurar da lama em pássaros voejando. Numa modulação peculiar, o que poderia engastar-se na periferia do anedótico assume as proporções do sublime, fremindo de complexidade e meditação.

Conhece-se o pendor de Saramago para as opções provocativas, logo patentes nos títulos

Manual de Pintura e Caligrafia, *Memorial do Convento*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho*, o previsto *Ensaio sobre a Cegueira*, que, obviamente, nada têm a ver com os géneros insinuados. Esse jeito polémico e desarmante atravessa, com efeito, nas mínimas incidências até, a sua vasta produção — não porque resulte de qualquer cânone inscrito no seu código escritural mas como fruto de um destino: ir por dentro do que tem permanecido obscuro, desocultar, inteligir o avesso, conceber a hipótese improvável se dela manar, como no caso da Ibéria flutuante, a controvérsia que urge. A esta luz, poder-se-á enfatizar uma vocação gnoseológica, tecida de conhecimento adquirido e busca permanente, sem recusar o enigma, o lúdico, a prestação motriz do imaginário. Por outro lado, não obstante uma desconfiança radical na regeneração da espécie a que pertencemos, talvez radique aqui, nesta atitude perquiridora, a espantosa sensação de começo que se desenha ao cabo de tantas apóstrofes pessimistas nas páginas do Autor. Haverá, sem dúvida, um negrilho a florescer («Jangada»), uma Maria de Magdala aplacando o tormento e a murmurar, na brancura de um primeiro alvorecer: *Aprende o meu corpo* («O Evangelho»), uma máquina voadora a subir no ar, aspirando o orvalho da lonjura («Memorial»).

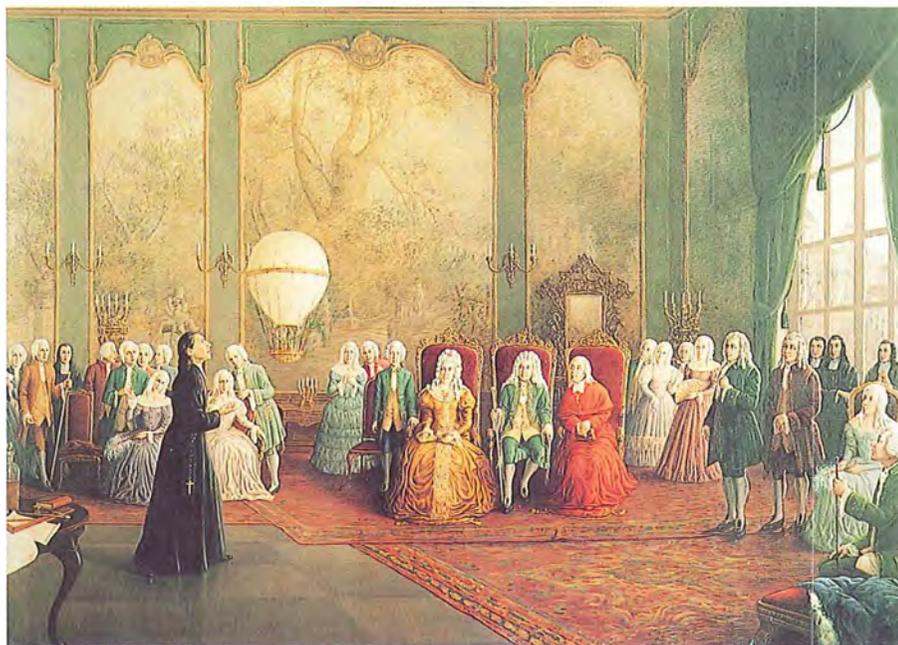
E as personagens criadas por José Saramago? Obreiras dos entrecchos decisivos ou breves aparições, pícaras, sentenciosas, perversas, peregrinas da placidez, da euforia, portadoras de mundividências compósitas, vozes germinantes e simples afloramentos do que é solidão, fugacidade, incompletude, afeiçoam um elenco de rara impressividade. Blimunda, a vidente, e Baltazar Sete-Sóis, «o deus maneta», são, a vários títulos, um par memorável, no amor e na conjunta porfia pelo devir de esperanças e desejos insubmissos. Mas são-no igualmente Raimundo Silva e Maria Sara, o cerco que mutuamente se fazem, os passos enamorados que os aproximam para um

«Os escritores não têm que andar cá para tranquilizar, suponho mesmo que é nosso dever intranquilizar toda a gente» – José Saramago.
Fotografia de Céu Guarda.



entretecer de plenitudes; Ricardo Reis e a Lídia herdada do poema, decerto «*pagã triste com flores no regaço*», Ricardo Reis e essa tocante Marcenda, com o seu defeito físico e um modo discreto de tanger o sol na própria sombra; Jesus e Maria de Magdala, a estância fabulosa em que se colhe o esplendor primordial, um decorrer de permutas nunca cinzeladas pela sugestão do arquétipo, a paixão despojada de elementos exornativos; Maria Guavaira e Joaquim Sassa, Joana Carda e José Anaiço, o insólito, o intenso, uma intermitência de cintilações acompanhando as vicissitudes entre o fantástico e o plausível, dissemelhantes das que envolvem a gesta de Gracinda e António Espada na conquista de um agro que seja pão. Depois, numa galeria interminável, a irradiante Divara de «*In Nomine Dei*», o conturbado H. do «Manual», Bartolomeu de Gusmão, visionário, ousado, e João Pequeno, do «Memorial», com a corcunda centrando-o mais e mais no seu existir carente, a população dos campos e das urbes, trabalhadores e vagabundos, salafrários, heróis e anti-heróis, desvaliados protagonistas do essencial, edificadores de Tebas, a das sete portas, antecipações da realidade que, neste mudar de século, nos escurece o pensamento.

A escrita de Saramago, servida por uma notável capacidade especular, a tudo confere consistência e apelatividade, cumpliciando, seduzindo, estabelecendo dialogias e oposições. No seu jorro contínuo, estuante de ritmos, usa os ingredientes técnicos sem os macerar pela desmesura ou pelo tédio, harmonizando uma grande elaboração formal com a prática digressiva da oralidade. Desprogramada, embora nunca inadvertida, incorpora o acaso, o pretextual, o que vem a propósito e irriga o tecido narrativo de inflexões remodeladoras. Este prazer da errância não cede, todavia, à tentação do fragmento nem do excrescente. Ao invés, caminha para um norte magnético, no quadro de uma solidez compositiva que prossegue e enriquece a melhor tradição ficcional. Nada,



entretanto, que se exima a subverter convenções: simbólicas ou materiais, gráficas, cronológicas. Ao abandonar regras de pontuação e investir numa prosódia inconfundível não se dissocia de projectos cujas implicações tangem uma corda profunda: fundir crónica, poesia, estratégia dramática e narração num plasma novo, fruído, que desafia hermeneutas e teóricos; lavar o sobrenatural, o maravilhoso, o enigmático, como se, de facto, fossem ainda a margem tumultuária da nossa identidade e não sobretudo «a noite e o nevoeiro» com que, deslumbrados ou em pânico, nos confrontamos; esbater, porventura derrubar, barreiras temporais (o discurso eivado de prolepses induz, com frequência, um futuro que é presente ou já pretérito). Desta maneira, intermediando o que mantemos secreto, inquirições, alegrias, potencialidades, clamores, agindo por dentro dos problemas individuais e colectivos, José Saramago desvenda o íntimo da condição humana e empreende, contra as leis do transitório, uma obra suprema.

Dezembro de 1993.

«... me disse aquele meu amigo João Elvas que tendes apelido de Voador, padre, por que foi que vos deram tal nome, perguntou Baltazar. (...) Porque eu voei... faz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até o tecto de uma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, (...) O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará, respondeu Bartolomeu Lourenço...», in *Memorial do Convento*.